

SABORES DA PAN-AMAZÔNIA: UMA LEITURA DE *RECETUARIO AMAZÓNICO DE DIOS* (2002), DE NICOMEDES SUÁREZ ARAÚZ

FLAVORS OF PAN-AMAZON: A READING OF THE *EDIBLE AMAZONIA* (2002), BY NICOMEDES SUÁREZ ARAÚZ

Gracielle Marques¹

RESUMO: *A preocupação com a devastação ecológica da região amazônica é uma dos eixos centrais do livro de poemas Recetuario Amazónico de Dios (2002), do poeta boliviano Nicomedes Suárez Araúz, que recria as receitas familiares misturando ingredientes culinários com a paisagem, as populações indígenas, a história e algumas pitadas de ironia. Com o intuito de abordar como as relações entre poesia, história e ecologia são representadas no referido livro, realiza-se um breve comentário do percurso literário do autor, passando por sua concepção estética da Amnésia, em seguida apresenta-se suas contribuições com a visão literária pan-amazônica e, por fim, analisa-se alguns poemas, focalizando os elementos de suas composições, as quais propiciam o desvelar de um fazer literário crítico em relação ao meio ambiente, com embasamento em algumas reflexões da ecocrítica (GARRARD, 2006).*

PALAVRAS-CHAVE: amnésia; ecocrítica; Pan-Amazônia; poesia

ABSTRACT: *The concern with the ecological devastation of the Amazon region is one of the central axes of the poet book Edible Amazonia (2002), by the Bolivian poet Nicomedes Suárez Araúz, who recreates family recipes by mixing culinary ingredients with the landscape, the indigenous populations, history and some hints of irony. In order to address how the relations between poetry, history and ecology are represented in the referred book, a brief comment is made on the author's literary journey, going through his aesthetic conception of Amnesia, then his contributions with the vision are presented. pan-Amazonian literary literature and, finally, some poems are analyzed, focusing on the elements of his compositions, which allow the unveiling of a critical literary practice in relation to the environment, based on some reflections of ecocriticism (GARRARD, 2006).*

KEY WORDS: amnesia; ecocriticism; Pan-Amazonian; poetry

Palavras iniciais

Neste artigo, apresento algumas reflexões sobre o pensamento crítico e a leitura interpretativa de alguns poemas do poeta, contista, ensaísta e artista plástico boliviano Nicomedes Suárez Araúz (1946-), que giram em torno de questões sobre a articulação do

¹ Doutora em Letras e Vida Social pela UNESP/Assis. Professora UNIR e do Programa de Mestrado Acadêmico em Estudos Literários - PPGMEL. Projeto com apoio da Universidade Federal de Rondônia.

universo cultural, histórico e ambiental da Amazônia. O estudo de sua produção literária e ensaística se deu pelo interesse em conhecer e ampliar o diálogo com a cultura do país vizinho, a Bolívia. Apesar de a literatura boliviana ocupar um espaço periférico dentro da tradição literária latino-americana e a literatura de expressão amazônica ser uma realidade ainda mais excêntrica, não parece justificável que as produções de autores dessa região deixem de ser apreciadas, pois elas podem abrir portas para a compreensão de formas de entender o mundo que também nos inclui.

Nascido em Santa Ana del Yacuma, no coração geográfico do departamento do Beni, na Amazônia boliviana², Suárez Araúz passou a infância na fazenda de seus pais, banhada pelo rio Yacuma del Beni, afluente do rio Mamoré, sem receber uma educação formal até os onze anos, quando iniciou a alfabetização em um colégio interno na Argentina (BAUDOIN, 2014). Posteriormente, Suárez Araúz estudou na Inglaterra e se radicou nos Estados Unidos, onde foi professor de literatura no departamento de português e espanhol da Universidade Smith College, em Northampton, Massachusetts.

A distância de sua terra natal e as (des)memórias da infância são vetores que impulsionaram o trabalho crítico criativo de Suárez Araúz. Para adentrar em seu universo poético, dividi o presente texto em três partes: na primeira, apresento o conceito de *Amnésia criativa*; logo, aponto a maneira como Suárez Araúz se engajou na divulgação e na defesa de uma literatura pan-amazônica na academia, fortemente marcada pelo diálogo com a natureza/paisagem e, por último, analiso alguns poemas de *Recetuario amazônico de Dios* (2002), a fim de demonstrar um viés ecocrítico em seu projeto estético e político.

Amnésia: nas águas do esquecimento

A literatura boliviana é mais conhecida por ter produzido a intensa corrente de “romances da terra” ambientados nas montanhas e em torno das questões sociais sobre a exploração mineira e a construção de um sujeito nacional, ao longo do século XX, a qual reforçou a visão da Bolívia como país andino. Já a literatura da vasta zona geográfica das “terras baixas” (*llanuras*), devido à conjunção de diferentes fatores histórico, social e econômico, foi mal incorporada à narrativa da identidade nacional. Entre outros aspectos, ela reitera de modo

² Essa região integra a denominada “terras baixas” (porção norte e leste do país), em oposição ao chamado altiplano, e está dividida em quatro áreas: as Yungas (zona de transição entre as montanhas e as cordilheiras dos Andes), Amazônia (localizada ao norte do país e composta por planícies inundadas e florestas), Chaco (ao sul da região Amazônica, é caracterizada por savanas áridas e algumas áreas úmidas) e Chiquitania (no noroeste do país, é a região menos úmida e está coberta por bosques semi-úmidos e savanas).

intertextual, conforme assinala Suárez Araúz (2014), temas presentes na literatura da região pan-amazônica. Na prosa, por exemplo, algumas narrativas amazônicas bolivianas coadunam com o chamado “romance da selva”, repetindo a alternância das metáforas da floresta como inferno ou paraíso, comum nessa vertente.

Em diálogo com essas produções, Suárez Araúz propôs, na década de 1970, outra metáfora que ampliava a visão desses polos antagônicos (inferno, paraíso)³, a dos “*verdes llanos de amnesia*”. Nas palavras do autor, ela foi “inspirada nos vazios do registro coletivo de minha terra natal” (SUÁREZ ARAÚZ, 2007, p.7, tradução minha). Essa metáfora expressa a consciência crítica, literária e política, marcada, claramente, pela delimitação do *locus enunciativo* e sua historicidade. Em suas palavras: “Ser amazônico significa também enfrentar o inelutável vazio histórico de nossa terra, uma amnésia coletiva perante a qual fomos fabulando-nos” (SUÁREZ ARAÚZ, 2014, p.100, tradução minha). Esse vazio “amnésico” pré-hispânico e colonial, preenchido por diferentes discursos dominantes desde o início da colonização até a atualidade é revisado a partir de seu lugar de origem, as planícies do Beni.

A paisagem de savana predominante nessa região é regida pelo fenômeno das inundações, provocado pela conjunção de precipitações ocorridas nos Andes e sobre a região, em certas épocas do ano, e em outras pela forte estiagem. As águas alteram a cada novo ciclo o traçado dos rios e lagos, como parte de uma dinâmica base para o desenvolvimento da diversidade biológica vegetal e animal. Na infância de Suárez Araúz seu *cosmos privado* foi em certas ocasiões submerso pelas águas da inundação do rio que invadiram a propriedade familiar. Essa relação com os ciclos da natureza é reconhecível no modo poético de sua percepção discursiva e na dimensão dada à memória individual e coletiva da Amazônia.

A necessidade de ampliar o conhecimento sobre o passado da região levou o poeta a buscar, sem sucesso, registros que contassem a história de sua cidade e departamento (Beni), (SUÁREZ ARAÚZ, 2014, p.95). O único documento encontrado, naquele então, foi uma publicação realizada por seu tio, José Chávez Suárez, denominada *Historia de Moxos* (1944), que tentava suprir a carência de dados históricos. O fato de a obra conter passagens imaginárias fez o poeta perceber a tendência do relato histórico a justapor ou misturar fontes reais com a ficção, confirmando a hibridez da historiografia amazônica.

Dessa forma, no esquecimento do encontro violento, na renomeação de objetos, lugares e fatos, que em muitos casos naturalizaram práticas abusivas, estava submersa a memória.

³ De certa forma, esses tropos nos permite interrogar o lugar da natureza em diferentes abordagens literárias que vão desde a visão paradisíaca e pastoril de *Cumandá* (1879), do equatoriano Juan León Mera até o questionamento da retórica paradisíaca em relatos que apresentam a subjugação da vida humana e não humana em termos de sua utilidade para o crescimento e a riqueza de poucos, como em *La Vorágine* (1924), do colombiano José Eustasio Rivera.

Diante desses apagamentos, Suárez Araúz converteu, com seu labor poético, o esquecimento (Amnésia) em uma força criativa, capaz de criar, graças ao poder representativo dos signos literários, uma nova relação com a história e a natureza de sua terra natal.

Assim, estimulado pela paisagem perdida da infância, Suárez Araúz publicou o *Manifiesto Amnesis* (1984), no qual apresentou o conceito de *Amnesis* não apenas como tema literário, mas também como premissa criativa para as artes em geral (SUÁREZ ARAÚZ, 2010, p.2). Em outras palavras, o *Manifiesto* foi mais do que uma série de postulados estéticos imperativos, pois convidava à ressignificação da memória e do esquecimento, em termos históricos, políticos, sociais e estéticos.

A *Amnesis* se converteu em um ato crítico e foi eleita como a metáfora estrutural para a criatividade artística (visual, escrita e arquitetônica) do artista latino-americano, que deve confrontar-se com o esquecimento de nossa história primigênia⁴. Para Suárez Araúz (2010), a amnésia é uma presença corrosiva que modela e refina nossas vidas. Longe de conotações negativas, ele entende a amnésia como o domínio do vazio, mas também da plenitude, da qual a criatividade artística e a fabulação se nutrem. Assim, na abordagem da memória no contexto latino-americano não basta privilegiar o que ficou na superfície, mas, sobretudo, o que se encontra submerso e ainda assim nos fortalece, delimita-nos e ressalta por contraste àquilo que conservamos, isto é, enquanto representação do que fomos e somos. A arte, portanto, é a tessitura criativa que reinventa os objetos e corpos descartados, comunicando os fragmentos que nos dão a forma e iluminando as discontinuidades que estão na base da história latino-americana.

Na reescrita do passado⁵, Suárez Araúz nunca perdeu de vistas o elo entre a exploração da natureza e as circunstâncias históricas que condicionaram a sua memória pessoal e a da região. Uma visão que enriquece a compreensão das articulações culturais entre história, ficção e natureza na Pan-Amazônia.

Projetando uma visão pan-amazônica

Durante os anos que trabalhou nos Estados Unidos, Suárez Araúz foi um fervoroso divulgador das produções pan-amazônicas. Os deslocamentos que marcam sua biografia, vividos por outros autores bolivianos radicados no exterior, proporcionou-lhe uma perspectiva

⁴ A ideia da amnésia também foi expressa conceitualmente por Nicomedes Suárez Araúz através dos “objetos perdidos” em seu livro *Amnesis Art: the Art of the Lost Object* (1988).

⁵ Refiro-me, especialmente, a *Los escribanos de Loén* (1982) e aos *Cuentos de Loén* (2010), no qual o autor criou um povoado imaginário, Loén, que guarda muitos traços históricos e geográficos em comum com sua região natal.

particular da Amazônia. Para concretizar seu empenho de divulgar os textos dos escritores das regiões amazônicas de língua portuguesa e espanhola (Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia e Venezuela) até então pouco conhecidos, fundou o *Center for Amazonian Literature and Culture* (CALC), juntamente com seu colega Charles Cutler, na universidade Smith College, em 1993. A publicação da revista *Amazonian Literary Review* (1998-2000) da CALC e do *Pan-Amazonia*, o boletim do centro, “sinalizou a primeira apresentação internacional de uma visão literária pan-amazônica” (SUÁREZ ARAÚZ, 2004, p.1, tradução minha).

Na antologia *Literary Amazonia: Modern Writing by Amazonian Authors* (2007), Suárez Araúz reúne poesias, contos e fragmentos de narrativas de autores das regiões da Bacia Amazônica, traduzidos para o inglês. Na introdução da antologia, Suárez Araúz (2007) destaca como ponto em comum nos poetas antologados a preocupação com a devastação ecológica da região, retratada pelos brasileiros Thiago de Mello, Alcides Werk e Astrid Cabral e pelo colombiano Juan Carlos Galeano, além do próprio autor.

Conforme o título da antologia já indica, Suárez Araúz advoga pela afirmação identitária de uma literatura amazônica, isto é, produzida por autores da região. Diante dessa definição rejeita o rótulo de romance ou poesia “da selva” que abrigou autores de fora da região e possui conotações depreciativas. Ao destacar a similaridade social e cultural da região, comparável a da região andina e caribenha, Suárez Araúz (2007, p.3, tradução minha) reconhece que “o nacionalismo e a insularidade muitas vezes impediram os amazônidas de reconhecer seu parentesco cultural”.

Nesse sentido, Suárez Araúz retoma a abordagem geopolítica da Pan-Amazônia. Esse termo despontou como uma necessidade para denominar a grande região do Trópico Úmido, suprimindo as limitações da abordagem da Amazônia Hidrográfica e Amazônia Florestal, a partir, principalmente, da assinatura do *Tratado de Cooperação Amazônica*⁶ ou *Pacto amazônico*, em 1978. Suárez Araúz (2007, p.3) nos lembra de que, ao passo que os oito países amazônicos assinaram o pacto e marcaram a consciência de um vínculo geográfico, ecológico e econômico, não houve um impulso semelhante no âmbito da literatura e das artes em geral. Ironicamente, segundo aponta Fernando Aínsa, a superação de uma visão nacional em prol de uma visão supranacional e rizomática, mais próxima da realidade, foi, no entanto, prontamente

⁶ O Tratado visava à união dos oito países da Região Amazônica pela defesa da soberania de cada um sobre as respectivas áreas amazônicas, bem como da necessidade de cooperação no campo da ciência e da tecnologia e no financiamento de projetos e programas de desenvolvimento sustentável (RIBEIRO, 2005). Em 2019, após a grande repercussão na mídia internacional das queimadas que devastaram grandes áreas de floresta amazônica brasileira e das savanas na região da Chiquitânia, na Bolívia, esses países voltaram a se reunir em Letícia, na Colômbia, para assinar o *Pacto de Letícia*, em defesa de sua soberania e do seu desenvolvimento. O pacto, no entanto, aponta ações vagas, configurando-se mais como uma lista de desejos e boas intenções para a preservação e desenvolvimento da Pan- Amazônia do que caminhos para ações efetivas (PRIST, 2019, *online*).

compreendida por organizações criminosas que hoje ameaçam o equilíbrio ambiental da floresta:

Assim começaram a entendê-la [a floresta] os estrategistas da exploração e depredação dos recursos naturais, que acabaram por serem seus algozes. Estradas axiais, desmatamento, genocídios, vão estendendo as sutis redes que mal intuiu a literatura (Idem, 2006, p.102, tradução minha).

Diante dessas conexões, Suárez Araúz estendeu o conceito geopolítico de Pan-Amazônia à literatura produzida nessa região e promoveu a divulgação de seus autores, a fim de fortalecer o reconhecimento interno e externo de sua potencialidade. A singular e multifacetada integração literária, contemplada na antologia, apresenta uma visão própria sobre a região para um público falante da língua inglesa no intuito de também desmistificar os olhares coloniais que ainda persistem, conforme constata o poeta:

[...] a visão de Orellana da região como uma terra selvagem persiste hoje nas imagens exotizadas do turismo e nas representações simplistas nas mídias de notícias e entretenimento. Essa visão ainda perpetua a noção de que a Amazônia é essencialmente um ambiente natural, visão ainda mais enfatizada nas últimas três décadas pela atenção internacional à precariedade da integridade ecológica da Bacia Amazônica (Idem, 2007, p.4, tradução minha).

O anseio em divulgar a produção dessa área geocultural, a partir de exemplos como as estratégias de ordem política dos países signatários dos pactos mencionados, ainda que não estritamente por meio de estudos comparados, apelam para o fortalecimento de “comunitarismos supranacionais”, os quais, conforme assinala Benjamin Abdala Jr. (2014, p.150-151) problematizam a imposição das assimetrias dos fluxos econômicos e sociais pautados na dependência econômica e na classificação social a partir da ideia de raça. Nesse sentido, a consciência do “locus enunciativo” expressa por Suárez Araúz vai ao encontro daquilo que Benjamin Abdala Jr. (2004) considera necessário ao crítico ter, pois saber o lugar de onde ele acessa o mundo lhe impõe relevar circunstâncias político-culturais que amplie blocos de cooperação e solidariedade entre países de língua portuguesa e, de maneira mais ampla, com países de língua espanhola.

Essa visão política, cultural, social e ecológica da literatura pan-amazônica defendida por Suárez Araúz encontrou respaldo e uma via de diálogo, do lado brasileiro, no poeta amazonense Thiago de Mello (1926), amigo e incentivador do poeta beniano.

Diante da clareza da rede comunicativa que Suárez Araúz percebe e deseja para a literatura da geocultura amazônica, adentro o universo de sua produção literária. Na leitura de

alguns poemas de *Edible Amazonia (Recetuario amazónico de dios)*, publicado em 2002, interessa-me ressaltar os pontos fortes de uma preocupação ecológica, também presente na poética de autores pan-amazônicos, conforme mencionado.

Amazônia comestível: a cozinha crítica do poeta

Edible Amazonia: Twenty-one poems from God's Amazonian Recipe Book/ Recetuario amazónico de dios: veintíun poemas é uma edição bilíngue, traduzida ao inglês por Steven Ford Brown. Trata-se de um poemário que entronca de forma inventiva e irônica os complexos fatores econômicos, políticos, sociais e históricos implicados na exploração de recursos naturais e nos discursos sobre a Amazônia. A preocupação com as inter-relações criativas e destrutivas das culturas humanas com a natureza, reunida nos poemas, pode ser associada com questões caras aos estudos da ecocrítica, como a poluição ambiental, o desmatamento e o consumo desenfreado dos recursos naturais, entre outros.

Conforme postula Greg Garrard, em *Ecocriticism* (2004), a partir das considerações de John Passmore, a ecocrítica não pode oferecer “uma grande contribuição aos debates sobre problemas de ecologia, mas pode ajudar a definir, a examinar e até a resolver problemas ecológicos” (GARRARD, 2006, p.18). O sentido mais amplo impresso na expressão “problemas ecológicos” inclui a análise cultural da “produção, [d]a reprodução e [d]a transformação de metáforas”(GARRARD, 2006, p.19), tais como poluição, superpopulação, apocalipse e desmatamento, que são questões estudadas por cientistas, contudo envolvem a nossa maneira de relacionarmos e moldarmos nossas construções sobre natureza e, portanto, são passíveis de uma análise ecocrítica. Dessa forma, Garrard (2006, p. 16) evidencia a necessidade dos ecocríticos de “transgredir os limites disciplinares e desenvolver tanto quanto possível, sua própria ‘capacitação ecológica’”.

Esse passo se dá, especialmente, por meio da análise de estratégias retóricas e tropos ecológicos presentes tanto no debate ambientalista quanto na literatura e na cultura que, de maneira mais geral, ganham espessura quando são pensados de forma interconectada com as dimensões históricas, sociais, de gênero, econômicas e políticas. Nesse prisma, um dos intercursos essenciais para a desmistificação de certos tropos profundamente arraigados na cultura ocidental, como é o da pastoral⁷, se dá com o pensamento pós/des-colonial (WALTER,

⁷ Em sua obra, Garrard (2006, p.54-55) dedica o capítulo 3 ao tropo mais persistente de nossas representações da natureza, a pastoral, que se manifesta de três modos: 1. Refere-se ao bucolismo da vida pastoril presente na literatura do Renascimento europeu; 2. Qualquer expressão literária que oponha campo à vida urbana; 3. A idealização da vida rural que ignora as “as realidades do trabalho e das agruras do campo”.

2012). O levantamento sobre as estruturas de poder e suas práticas de controle presentes no processo de colonização – observados na relação colonizador-colonizado e identificáveis em diversas relações de dominação e subjugação do Outro – proposto pelos estudos pós/descoloniais, se complementa, de certo modo⁸, com a análise ecocrítica.

Tendo em vista a vocação política e interdisciplinar dos estudos da ecocrítica, os quais toma como objeto de estudo a relação entre humanos e não-humanos e o reveste, em algumas abordagens de suas preocupações sócio-históricas, nesta parte do texto quero me centrar na análise dos poemas “Pepitas de Almendras”, “Salsa inglesa”, “Gelatina de patas” e “Tinta del escritor amazônico”. A ordem da análise não segue a da apresentada no livro e se deve a minha intenção de ordenar cronologicamente as referências históricas para destacar a visão crítica que os poemas oferecem sobre os ciclos econômicos e as ameaças ambientais sobre a região.

Em “Pepitas de Almendras” (SUÁREZ ARAÚZ, 2002, p.60) lemos:

Se hace un almíbar de azúcar en leche,
cuando esté en punto alto
se le agregan almendras molidas
hasta que se desprendan del perol.

Luego se le agregan
canela molida y las armaduras enmohecidas
de Lope de Aguirre y sus soldados
para darle color de pepa.

Na primeira estrofe, os versos fazem entender referencialmente que se trata de um prato regional. No entanto, na segunda estrofe, reservada para as instruções do toque final da receita, momento em que o cozinheiro acrescenta um ingrediente que trará o diferencial ao seu prato, o poeta apresenta um elemento provocativo e convida o leitor a não tomar ao pé da letra o que cada verso informa separadamente, mas a degustar de uma perspectiva crítica. Tal posicionamento aciona o discurso histórico por meio de uma irônica sinédoque da conquista espanhola, acendendo a desconfiança diante dos simulacros referenciais da linguagem.

Os ingredientes responsáveis por esta dimensão irônica são a “canela em pó” e as “armaduras mofadas de Lope de Aguirre e seus soldados”. O primeiro ingrediente impulsionou a incursão dos espanhóis à região amazônica, realizada por Francisco Orellana e seus soldados, que navegaram pela primeira vez, na história Ocidental, o rio das Amazonas, desde sua foz até sua desembocadura, em 1541. Vinte anos mais tarde, o motivo mítico de encontrar o País da

⁸ É importante enfatizar que as diversas abordagens da crise ambiental, em geral, possuem pontos de afinidades e aversões (GARRARD, 2006, p.47-50), como pode ser a visão divergente que a ecologia profunda – perspectiva explícita ou implícita dos ecocríticos – e a ecologia social e ecomarxismo – perspectiva mais próxima, na minha visão, dos estudos des/pós-coloniais – têm, sobretudo, com relação ao lugar dos seres humanos na natureza.

Canela se renovou na ambição da expedição de Pedro de Úrsua pelo reino das Amazonas, guardiãs do El Dorado. No entanto, a viagem adquiriu tons trágicos devido à insubmissão de Lope de Aguirre, que assassinou Úrsua e revelou seus desejos de dominar o Vice-reinado do Peru.

A analogia entre o pigmento marrom da canela em pó e o mofo das armaduras dos sanguinários *marañones* é o que dá a tonalidade ao doce em forma de semente (*pepita*). O vocábulo *pepita* em espanhol também designa, como em português, uma massa de metal precioso, enriquecendo as significações do poema. Assim, os apetitosos ingredientes (açúcar, o leite e a castanha) são tingidos por essa forma de entender a natureza como o “Outro desejável de uma sociedade conscientemente viril de desbravamento de fronteiras” (GARRARD, 2006, p.78), cujas agressões se voltam para as mulheres, os indígenas e a terra.

No *menu* amazônico, a opressão colonial sobre os humanos e a ecossfera, tendo em vista o viés da ecologia social⁹, atingiria seu auge com a exploração e comercialização das árvores produtoras de látex (*Hevea Brasiliensis*) e de caucho (*Castilloa Ulei*), durante o ciclo econômico neocolonial da borracha, no final do século XIX e início do século XX.

Consciente e atento a esse fato, a inscrição da natureza nos eventos históricos e sociais é relida no poema “Salsa inglesa” (SUÁREZ ARAÚZ, 2002, p.88), como em “Árbol”, entre outros. Já pelo título podemos notar a ambiguidade sugerida pelo poeta. Por um lado, nos remete ao molho criado em um contexto intercultural da culinária inglesa, de fama mundial. Por outro lado, alude à relação entre a cultura inglesa e a Amazônia, especialmente, mas não exclusivamente, durante o ciclo da Borracha. Nas três primeiras estrofes do poema, aos ingredientes como mostarda, açúcar, leite e vinagre são acrescentados gemas de sol e libras esterlinas e, então, recebemos as seguintes instruções, nas duas últimas estrofes:

Se esparce la mezcla
en el río de 1850
para que baje hasta la boca
del Amazonas y cruce, más allá,
hasta Liverpool.

Desde allí bajarán
las semillas de goma hasta Malasia
y la costumbre amazónica
de tomar té cada día
a las cinco en punto de la tarde.

⁹ Conforme explica Garrard (2006, p.49), alinhados com o pensamento marxista tradicional, os ecologistas sociais afirmam que a relação opressiva entre trabalhadores e donos dos meios de produção, cuja mais-valia advém da exploração do trabalho do proletariado, está no cerne das demais opressões, entre elas a degradação e as injustiças ambientais.

A mistura do molho, despejada no rio de 1850 para adquirir a coloração escura, conota a escrita da história do colonialismo na natureza. A ideia de progresso e civilização fomentada pelo período áureo da economia da borracha, supostamente benéfica para o desenvolvimento da região amazônica, baseou-se em uma estrutura colonial de exploração e controle, analisada pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005, p.117) como a “articulação de todas as formas históricas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos, em torno do capital e do mercado mundial”. A decadência desse ciclo, que espalhou injustiça, violência, mortes e pobreza, mas que enriqueceu o capital financeiro das elites nacionais e internacionais, sempre esteve associado ao episódio do furto das sementes de *Hevea Brasiliensis* pelo inglês Henry Wickham, para a transplantação na Ásia (Malásia, Ceilão, Índia e Indonésia), em meados do século XIX. Embora alguns historiadores questionem a relevância desse fato para o declínio do ciclo e legitimem a ação que derrocou uma economia baseada na mão de obra semi-escrava, não é possível se esquecer, segundo aponta Lucilene Gomes Lima (2009, p.57-58), que os ingleses se beneficiaram desse regime de escravidão por meio da comercialização da borracha, assim como da venda de produtos industrializados aos consumidores amazônicos. Quando ocorre a transplantação da *Hevea* “ela já é um produto natural largamente explorado e de importância crescente para o mercado mundial” (LIMA, 2009, p.58) e, com isso, no início do século XX, a Inglaterra obteve com as plantações na Ásia o monopólio desse comércio e o aumento dos seus lucros.

A presumida inocência da ação de “transmigração de espécies vegetais e animais entre continentes” (LIMA, 2009, p.58) desce o rio do poema na justaposição irônica do que viria a ser o começo do monopólio inglês da borracha (em 1913 a produção na Ásia supera a amazônica) e o declínio do amazônico, que, por sua vez, importou o delírio de reproduzir nos trópicos os costumes vitorianos (“chá das cinco”). Dessa forma, o molho inglês e o chá das cinco, signos identitários da gastronomia imperial, sugerem as inflexões que questionam um passado de exploração imperialista de recursos naturais e injustiça ambiental.

Em “Gelatina de patas” (SUÁREZ ARAÚZ, 2002, p.56), poema composto por três estrofes, a ironia do poeta é mordaz ao nos implicar diretamente, enquanto leitores e consumidores, no processo de destruição das florestas, conforme lemos a seguir:

En una asadera poner las patas en el horno.
Una vez que sueltan los nervios
ya no tienen grasa.

Se aumentan cien hectáreas de selva condensada
cuando la gelatina está por cuajar.

Para desmontar cien leguas de selva
basta tomarse un vaso de gelatina.

Nessa forma particular de interpretação presente na ironia, Suárez Araúz faz a ligação entre criação de gado na região (“*patas*”), desmatamento da floresta e mercado consumidor. É importante lembrarmos que a presença dessa atividade econômica na região, também apontada como responsável pelo agravamento da emissão de CO2 (liberado pelo desmatamento, pelas queimadas e pelo gás metano produzido pelos rebanhos) e pela degradação de pastagens, vem de longa data. A história desse ciclo econômico nas planícies amazônicas do Beni se iniciou com os jesuítas, durante o século XVII. O gado era propriedade das reduções administradas pelos missionários e serviu para subordinar os indígenas a elas e, além disso, constituiu uma forma de compensação à perda dos cultivos que essas populações sofriam ao se mudar para as reduções (BARBA *et al*, 2009, p. 223). A topografia favorável fez a atividade se desenvolver e se tornar a principal prática econômica do Beni, com destaque para Santa Ana del Yacuma, considerada a capital do gado da Bolívia. Do lado brasileiro, essa atividade provoca um maior impacto ambiental, em virtude do aumento da área de pasto (desmatamento). A atividade pecuária, financiada pelo governo brasileiro, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, encorajou fazendeiros de outras regiões a transformar as terras públicas em pasto. Atualmente a expansão da fronteira agrícola tem a proteção direta e indireta da bancada ruralista, do *lobby* do agronegócio e é impulsionada pelo crescimento da demanda do mercado nacional e internacional da carne. Até o momento, embora haja maior pressão para se reduzir emissões de carbono, pouco se demandou sobre o controle do desmatamento associado a essa atividade (BARRETO *et al*, 2008).

No poema, entre as vozes da atividade pecuária e a floresta se instala a do eu poético que, contando com a participação do leitor/consumidor, mostra-lhe os resultados indesejáveis da postura “cornucopiana”, “financeiramente sustentada e disseminada por grupos de pressão industriais antiambientalistas” (GARRARD, 2006, p.32). A imensa disparidade entre os ingredientes (cem hectares de floresta), nos quais se subentende a área desmatada para a criação extensiva de gado, e o rendimento da receita (um copo de gelatina) apelam para a compreensão referencial do leitor/consumidor. E, por conseguinte, o torna cúmplice de uma cadeia produtiva predatória, pois “desautomatiza” a visão sobre um objeto cultural (culinária) ao revelar o inestimável dano ambiental gerado para se produzir uma irônica inocente sobremesa.

A leitura até este momento me permite identificar que os poemas criticam os modelos de produção capitalista, como a exportação de *comodities* para suprir mercados internacionais,

associada a padrões de consumo de grande impacto para o meio ambiente amazônico que trouxe desenvolvimento para a região pelo alto preço do esgotamento de recursos naturais, desequilíbrios ecológicos e enormes desigualdade sociais ao longo da história, conforme examina Suárez Araúz:

Cinchona, látex natural, cana-de-açúcar, algodão, castanha-do-pará, esmeraldas, madeira, gado, ferro, petróleo, ouro, recursos genéticos e drogas ilícitas explicitam os sinais de práticas extrativistas neocoloniais dos últimos 140 anos que levaram a presente crise ecológica e à continuação de uma dependência econômica deletéria da região nos mercados internacionais (Idem, 2007, p.5).

A revisão crítica da história e de uma visão comprometida com o meio ambiente humano e não humano não apenas em termos discursivos, mas com sua existência real, mostra que o trabalho literário pode ser uma forma potencial de engajamento político (GARRARD, 2006, p.66). Um exemplo disso se deu em 1997 na ocasião do dia internacional da terra. Em meio às notícias de que uma vez mais se comprovava o ataque do meio ambiente amazônico, Suárez Araúz, a partir da página web do CALC, convida poetas a apoiarem a promoção da preservação da Amazônia por meio da associação de Poetas e Escritores Contra a Destruição da Amazônia (Poets and Writers Against the Destruction of Amazonia - PWADA). Em seu convite implica seus colegas com as seguintes palavras:

Nós, poetas e escritores, devemos nossa lealdade à procriação de florestas. Durante séculos, dependemos da polpa de madeira para disseminar nossas palavras. Como seres humanos, devemos nossa contínua existência aos ciclos ininterruptos da natureza. Vamos então assumir a responsabilidade de, pelo menos, arriscarmos nossas palavras. Peço aos meus colegas escritores da Amazônia, norte-americanos, e também aos escritores do mundo que promovam a preservação da Amazônia (idem, 1997, online, tradução minha).

Nessa fala, Suárez Araúz evidencia a interconexão entre a atividade do escritor e a floresta. Mais do que a dependência da matéria prima para a execução de seu trabalho, o poeta beniano interliga a sobrevivência do contínuo trabalho de transmissão da palavra escrita, tecnologia fundamental para o desenvolvimento social, econômico e cultural das sociedades ocidentais modernas, ao trabalho ininterrupto dos ciclos da natureza. De seu convite também depreendo sua forte convicção de que, por meio do posicionamento político dos escritores, a ficção pode disseminar palavras que promovam a consciência de preservação de nossa biodiversidade, assim como as sementes o fazem para a continuidade das florestas. A expansão do conceito de cultura, referida à capacidade humana de ler e interpretar o mundo, que inclua a ideia de biocultura, a qual sustenta o inter-relacionamento e a coexistência interdependente de

espécies diversas e díspares, isto é, entre os seres humanos e não humanos, perpassa o apelo de Suárez.

A partir dessa atitude, apresento o último poema selecionado, “Tinta del escritor amazónico” (SUÁREZ ARAÚZ, 2002, p.92), que encerra o poemário e expressa questões ambientais ainda tão ameaçadoras. O tropo da “poluição” fornecido pela ecocrítica me permite analisar esse poema a partir de sua transformação em “ameaça da opressão hegemônica” (GARRARD, 2006, p.26). A poluição das águas da bacia amazônica por derivados de petróleo, ocasionada por empresas poderosas, não escapam de ser reconsideradas de forma irônica pelo poeta:

Se mezcla agua tibia
con zumo de limón
y leche ácida.

Se disuelve la noche
en el Río Negro.
Se añade petróleo
en el Río Napo.

En Iquitos, al Amazonas
se le añaden escarabajos,
alguaciles, cepas, arañas,
y escorpiones pulverizados.

Estando lista la tinta
se inscriben en el cielo
con caligrafía renacentista
una bandada de buitres
que limpiarán de carne
los esqueletos de los días.

O rio Napo, que nasce no Equador, atravessa o Peru e deságua no rio Solimões, é um dos limites geográficos do território dos indígenas Secoya. Em seu chamado aos Poetas e Escritores Contra a Destruição da Amazônia (Poets and Writers Against the Destruction of Amazonia - PWADA), Suárez Araúz (1997, online, tradução minha) replicava a denúncia dos crimes ambientais de grandes empresas petrolíferas em contraste com as comunidades indígenas ameaçadas:

Os índios Secoya do leste do Equador acusaram, com razão, a Texaco Oil Company de “transformar sua terra natal em um poço de alcatrão venenoso - e querem que a Texaco pague pelos serviços de saúde e uma grande limpeza ambiental” (*The Observer*, 13 de janeiro de 1997).

As águas do Rio Negro, Napo e Amazonas são ensombrecidas pela (neo)colonialidade forjada pelo capitalismo financeiro, pautada por uma economia de mercado. Embora contaminadas, nelas também estão presentes animais com a mesma coloração, que carregam doses de venenos fatais (“*alguaciles*”, “*arañas*”, e “*escorpiones*”). Juntamente com o ácido do limão, a tinta do escritor pretende corroer com seu especial fluido (veneno, tinta e rio), à maneira dos abutres, o corpo de certas organizações, deixando a nu sua arquitetura. Essa violência corrosiva expõe um sistema de exploração econômica apoiado por programas governamentais aliado aos interesses internacionais, o qual deixou uma mancha predatória destrinchada pelo poeta amazônico que dilui na mancha tipográfica a ironia. O resultado é uma visão da natureza como fluxo, inscrita na formação sócio-histórica e nas memórias de todas as tentativas de destruição em termos ambientais.

Palavras finais

Como tentei ressaltar, a criação de uma metáfora crítica para se entender a formação sócio-histórica da região amazônica e o pioneirismo de Suárez Araúz em divulgar nos Estados Unidos a importância de uma visão literária pan-amazônica mostram um posicionamento no campo intelectual que convém ser reforçado no momento atual.

Neste momento de aceleração das mudanças climáticas e perda de biodiversidade os poemas de Suárez Araúz convidam o leitor a ver sob a perspectiva ecocrítica nossa relação com a natureza. De uma maneira bem precisa os poemas possuem uma clara orientação ecológica possível de serem analisadas nos termos críticos propostos pela ecocrítica, quais sejam as implicações da história natural na história humana, a responsabilidade humana pelo meio ambiente e a ideia do meio ambiente como um processo (GARRARD, 2006, p.81). Isso é alcançado graças a sua habilidade imaginativa de engajar a natureza em um diálogo crucial para o entendimento da região, ou seja, “enquanto entidade físico-material e como entidade social ativamente envolvida na dinâmica das construções sociais” (WALTER, 2012, p.146).

Seus esforços para romper com uma visão tipificada da Bolívia como país andino se fundamentou nas águas do esquecimento de sua região de planícies inundadas. Diante da amnésia imposta pela colonização e das ameaças ecológicas o poeta é capaz de promover a recriação e fabulação do passado, incorporando profundas reflexões que enriquecem, sem dúvida, a literatura amazônica e latino-americana.

Por fim, movida pelos termos críticos e conceitos da ecocrítica ressaltei que a postura de Suárez Araúz diante do meio ambiente amazônico questiona as representações pastorais

presentes nas imagens edênicas emitidas ao longo da história. A provocativa menção a um deus, ao qual pertence o livro de receitas, e a gesto irônico de descrever a disposição de sua obra divina por meio de instruções gastronômicas possuem muitas camadas de sentido, entre as quais a relação entre a comida e o conhecimento, como no Gênese. Nesse prisma, a crise ecológica, na qual estamos implicados, não pode suportar o engano açucarado de visões simplistas e escapistas, mas precisa provocar nossas papilas gustativas com o sabor/saber ácido alcançado por meio de abordagens multivalentes que deslegitimam uma ordem social opressiva e defende a coexistência de seres diversos em benefício de todos e não apenas de interesses econômicos.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Do poder socioeconômico ao simbólico: Pensar Politicamente o Comparatismo Literário. In: ABDALA JUNIOR, Benjamin (org.) *Estudos Comparados: teoria, crítica e metodologia*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014. p.139-168.

AÍNSA, Fernando. *Del topos al logos: propuestas de geopoética*. Madri: Iberoamericana Editorial Vervuert, 2006.

BARBA, Josep *et al.* *Paisagem y voces de Mojos*. La Paz: Plural Editores, 2009. Disponível em:

<<http://www.ppghisec.unir.br/uploads/83939544/DISCENTES/Turma%202012/Saulo%20Literatura%20na%20Amazonia%20Cultura%20e%20modernidade%20na%20Literatura%20do%20oriente%20boliviano.pdf>> Acesso em: 5 abr. 2018

BARRETO, Paulo *et al.* *A pecuária e o desmatamento na Amazônia na era das mudanças climáticas*. Belém (PA): Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia, 2008. Disponível em:

<https://www.mma.gov.br/estruturas/225/_arquivos/11___a_pecuria_e_o_desmatamento_na_amaznia_na_era_das_mudanas_climticas_225.pdf> Acesso em: 2 abr. 2020.

BAUDOIN, Magela. El paraíso de Nicomedes Suárez. Entrevista. *Aportes de la Comunicación y la Cultura*, Santa Cruz de la Sierra, v.17, n.1, p. 93-97, 2014.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: UNESP, 2006.

LIMA, Lucilene Gomes. *Ficções do ciclo da borracha: A selva, Beiradão e O amante das Amazonas*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

PRIST, Paula. Entrevista concedida a Carolina Lisboa [online] Disponível em: <<https://www.oeco.org.br/noticias/o-que-e-o-pacto-leticia-e-qual-a-importancia-dele-para-a-conservacao-da-amazonia/>> Acesso em: 26 fev. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: _____. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso Livros, 2005.

RIBEIRO, Nelson de Figueiredo. *A questão geopolítica da Amazônia: da soberania difusa à soberania restrita*. Brasília: Senado Federal, 2005.

SUÁREZ ARAÚZ, Nicomedes. *Edible Amazonia (Recetuario amazónico de dios)*. Ed. Bilíngue. Trad. Steven Ford Brown. Mendham: Bitter Oleander Press, 2002.

SUÁREZ ARAÚZ, Nicomedes. Poets and Writers Against the Destruction of Amazonia – PWADA, 1997. Disponível em: < <https://www.smith.edu/calc/pwada.html> > Acesso em: 21 jan. 2020.

SUÁREZ ARAÚZ, Nicomedes. *Amnesis: The Art of the Lost Object*. Nova Iorque: Lascaux, 1988.

SUÁREZ ARAÚZ, Nicomedes. Introduction. Toward a Pan-Amazonian Literary Vision. In: _____. *Literary Amazonia: Modern Writing by Amazonian*. Flórida: University Press of Florida, 2007.

SUÁREZ, Kristine M. Cummings de. Nota del editor. In: SUÁREZ ARAÚZ, Nicomedes. *Loén: un mundo amazónico olvidado. Antología de la obra loeniana y la estética de la Amnensis*. Santa Cruz de la Sierra: La hoguera, 2010. p. 9-16.

WALTER, Roland. Entre gritos, silêncios e visões: pós-colonialismo, ecologia e literatura brasileira. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Niterói, v. 14, n. 21, p.137-168, 2012. Disponível em: <<http://www.revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/291/295>> Acesso em: 1 fev. 2020.

Recebido em 23/05/2020. Aceito em 17/09/2020.